

VITOR REINALDO DE OLIVEIRA FERNANDES

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE LETRAS

**OTTO MARIA CARPEAUX
E A CRÍTICA DE FOLHETIM**

FIO - FACULDADES INTEGRADAS DE OURINHOS

OURINHOS/SP

NOVEMBRO/2007

VITOR REINALDO DE OLIVEIRA FERNANDES

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE LETRAS

**OTTO MARIA CARPEAUX
E A CRÍTICA DE FOLHETIM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto
às FIO - Faculdades Integradas de Ourinhos para a
Conclusão de Curso de Letras.

Área de Concentração: Crítica Literária.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Roberto Pereira.

FIO - FACULDADES INTEGRADAS DE OURINHOS

OURINHOS/SP

NOVEMBRO/2007

FERNANDES, Vitor Reinaldo de Oliveira. **Otto Maria Carpeaux e a Crítica de Folhetim**. 2007. 30 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso de Letras. FIO – Faculdades Integradas de Ourinhos.

RESUMO

Este trabalho tem por finalidade apresentar Otto Maria Carpeaux, um dos mais importantes críticos da arte literária brasileira do século XX, citando a sua trajetória de vida desde o nascimento em Viena, Áustria, no ano de 1900 até a sua morte, no Rio de Janeiro, em 1978. Além disso, pretende-se pesquisar alguns dos seus pensamentos sobre a literatura e a crítica literária brasileira, demonstrados em um dos seus mais de duzentos ensaios e artigos, escritos e publicados inicialmente nos jornais e revistas de grande circulação nacional e, posteriormente, reunidos em obras que refletem todo o conhecimento de Carpeaux, que era considerado uma enciclopédia viva. Esse artigo, *Álvaro Lins e a literatura brasileira*, comprova como o escritor austro-brasileiro se inseriu na literatura do Brasil e, além de publicação em periódico, foi parte integrante da obra *Origens e Fins*, de 1942, sendo recentemente resgatado no primeiro volume de *Ensaaios Reunidos*, organizado por Olavo de Carvalho. A apresentação desse texto permite ainda o conhecimento da “crítica de folhetim” ou “crítica de rodapé”, realizada tão excepcionalmente pelo mestre Carpeaux e combatida, arduamente, pelos realizadores da crítica acadêmica, modelo surgido na literatura brasileira durante a década de 1930. Assim, através de uma linguagem simples e jornalística, Otto Maria Carpeaux compartilha com o leitor comum parte do seu grande conhecimento literário e de mundo.

Palavras-chave: crítica de folhetim, linguagem simples, linguagem jornalística, leitor comum.

ABSTRACT

This work has for purpose to present Otto Maria Carpeaux, one of the most important critics of the Brazilian literary art of the century XX, mentioning his life from the birth in Vienna, Austria, in 1900 to his death, in Rio de Janeiro, in 1978. Moreover, it intends to research some of his thoughts on Brazilian literature and literary criticism, demonstrated on one of his more than two hundred articles wrote and initially published in newspapers and magazines of great national circulation and, later, gathered in books that reflect the knowledge of Carpeaux, considered a living encyclopedia. This article, *Álvaro Lins e a literatura brasileira*, proves as the Austro-Brazilian writer got inserted in the literature of Brazil and, besides a publication in periodic, it was integrant part of the book *Origens e Fins*, from 1942, being recently rescued in the first volume of *Ensaios Reunidos*, organized by Olavo de Carvalho. This text presentation also shows us the Brazilian criticism called “crítica de folhetim” or “crítica de rodapé”, so exceptionally accomplished by the master Carpeaux and arduously combatted for the producers of the academic criticism, model of criticism created in Brazilian literature during the decade of 1930. Thus, through a simple and journalistic language, Otto Maria Carpeaux shares with the common reader part of his great knowledge about the literature and the world.

Keywords: “crítica de folhetim”, simple language, journalistic language, common reader.

*Dedico este trabalho à minha família,
motivo de tudo que realizo na vida,
ao Prof. Dr. Márcio Roberto Pereira,
que ensinou-me o caminho das pedras e,
a todos os meus professores e colegas
que, nesses três anos de curso,
tornaram-se meus grandes
amigos.*

A importância de Carpeaux no processo cultural brasileiro é um dos raros pontos pacíficos de nosso instrumental crítico. Tanto Oscar Niemeyer como Carlos Drummond de Andrade, quase que com as mesmas palavras, acentuaram que foi o austríaco Otto Maria quem trouxe um approach universal às diferentes formas de nossa visão de mundo.

Carlos Heitor Cony

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
CAPÍTULO 1	
A CRÍTICA DE FOLHETIM E A CRÍTICA ACADÊMICA NO BRASIL DO SÉCULO XX	10
CAPÍTULO 2	
OTTO MARIA CARPEAUX E A CRÍTICA DE FOLHETIM	15
CAPÍTULO 3	
CARPEAUX: UMA VISÃO DA CRÍTICA LITERÁRIA BRASILEIRA DO INÍCIO DO SÉCULO XX	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	30

INTRODUÇÃO

"Quando, por volta de 1950, comecei a me interessar por literatura, descobri, encantado, nas páginas do Diário de São Paulo, um mundo absolutamente novo para o ginasião de 13 anos. Era o mundo dos homens e dos livros trabalhados pela leitura de Otto Maria Carpeaux em artigos cheios de verve, poesia e paixão."

(Alfredo Bosi)

Este trabalho tem como sujeito "Otto Maria Carpeaux" e como objeto "Otto Maria Carpeaux e a Crítica de Folhetim". Sua delimitação se faz pela apresentação do cenário da crítica literária brasileira do início do século XX quando representantes da crítica de folhetim se confrontavam com os adeptos da recém criada crítica acadêmica; da trajetória de vida do escritor austríaco que se inseriu plenamente na arte literária brasileira; e da sua ótica sobre a crítica literária e a literatura do Brasil daquele período, demonstrada através do ensaio *Álvaro Lins e a literatura brasileira*, publicado em 1942 como parte integrante de *Origens e Fins*, obra que reuniu ensaios produzidos por Carpeaux para os jornais do Rio de Janeiro e para a Revista do Brasil.

Tanto esse artigo, como grande parte da sua obra produzida no Brasil, foram recentemente resgatados nos dois volumes da obra *Ensaaios Reunidos* (Rio de Janeiro: UniverCidade Editora, 1999), possibilitando aos leitores conhecer a linguagem simples e jornalística da crítica de folhetim realizada por Carpeaux.

A justificativa para tal desenvolvimento reside no fato de que, quando se estuda as literaturas brasileira e universal, pouco se utiliza do vasto material produzido por Otto Maria Carpeaux. Da mesma forma que no meio acadêmico dificilmente se encontra, dentro das instituições de educação básica do nosso país, a crítica de obras literárias brasileiras apoiadas em textos desse grande estudioso da nossa arte literária que se naturalizou brasileiro em 1944.

Pretende-se então, apresentar Otto Maria Carpeaux, um dos mais importantes críticos da literatura brasileira do século XX. Além disso, a intenção é de se proporcionar um contato com a sua crítica de folhetim e, principalmente, com alguns de seus pensamentos sobre a produção literária brasileira, não só em relação às suas obras e seus autores, mas também sobre os intelectuais capazes de analisá-la.

Através de suas opiniões a respeito do também crítico de folhetim Álvaro Lins, Carpeaux expõe ao público todo o seu conhecimento acadêmico e de homem das letras e isso é uma constante nos seus mais de duas centenas de ensaios e artigos produzidos no Brasil para

o leitor comum. Produções essas que não se restringem à literatura, mas que transitam naturalmente pela música, pintura, ciência, política e religião.

No decorrer desse trabalho, o leitor tem a oportunidade de ser apresentado a Carpeaux e à crítica literária brasileira do início do século passado. O primeiro capítulo compara as críticas de folhetim e acadêmica, permitindo assim o entendimento desses dois modelos de crítica literária. Já no segundo capítulo, considerações são feitas sobre a formação do escritor austro-brasileiro e a sua inserção na literatura brasileira através da crítica de folhetim. Por fim, o terceiro capítulo expõe uma visão de Carpeaux sobre a crítica realizada na primeira metade do século XX, configurando uma interessante situação na qual um crítico tece comentários sobre outro.

A dificuldade em se encontrar farta literatura para a pesquisa sobre Otto Maria Carpeaux vem de encontro à idéia de que ele é ainda pouco estudado, mas esse trabalho sugere o início da mudança dessa situação ao afirmar a importância, para a literatura brasileira, do escritor chamado de “enciclopédico” e da sua crítica de linguagem simples e jornalística.

CAPÍTULO 1

A CRÍTICA DE FOLHETIM E A CRÍTICA ACADÊMICA NO BRASIL DO SÉCULO XX

"Para ele [Carpeaux], o comentário sobre literatura não se restringia aos círculos dos especialistas, já que a cultura literária deveria fazer parte da formação do homem médio."

(Mauro Ventura)

A presença da crítica literária dentro da literatura brasileira do início do século XX foi marcada por um modelo que utilizava o jornal como principal veículo de comunicação. Através de uma linguagem simples e direta, os autores da chamada crítica de folhetim, ou ainda, crítica de rodapé, conseguiam atingir até mesmo o leitor mais comum, aquele que não tinha conhecimentos específicos sobre literatura. Realizada pelo "homem de letras", o bacharel que muitas vezes não possuía uma especialização acadêmica, essa crítica de folhetim apresentava-se como um misto de crônicas e apresentações de obras literárias, apoiando-se em uma linguagem jornalística e não teórica, cuja finalidade era orientar os leitores e divulgar a cultura.

Segundo Flora Süssekind, no seu ensaio *Rodapés, Tratados e Ensaios - a formação da crítica brasileira moderna*, parte integrante da obra *Papéis Colados*, esse modelo de crítica, realizada pelos "críticos-cronistas", era marcada por três características formais bem nítidas. Primeiramente, a oscilação entre a crônica e o noticiário puro e simples. Depois, pelo cultivo da eloquência, uma vez que se tratava de convencer, rapidamente, leitores e antagonistas. Por fim, a adaptação às exigências (entretenimento, redundância e leitura fácil) e ao ritmo industrial da imprensa. (SÜSSEKIND, 2002: p.17)

Muitos escritores trabalharam com esse tipo de crítica, ocupando espaços próprios nos jornais da época. Em colunas exclusivas ou rodapés de páginas, resenhas e ensaios, expunham as suas opiniões pessoais e seus sentimentos, formados a partir de um conhecimento de mundo individual e uma postura autodidata. Entre esse escritores podem ser enumerados Álvaro Lins, Antônio Cândido, Mário de Andrade, Sérgio Milliet, Tristão de Ataíde e Otto Maria Carpeaux. Esse último, apesar de austríaco, deu uma grande contribuição à crítica e à literatura brasileira através dos ensaios e artigos que escreveu depois da sua chegada ao Brasil em setembro de 1939.

Sobre Carpeaux e sua forma de pensar e trabalhar, o escritor gaúcho Mauro Ventura escreveu: "Para ele [Carpeaux], o comentário sobre literatura não se restringia aos círculos dos especialistas, já que a cultura literária deveria fazer parte da formação do homem médio." (VENTURA, 2002: p.111). Essa citação pode muito bem sintetizar a intenção que os

realizadores da crítica de folhetim possuíam em alcançar a todos, e mais do que isso, contribuir para a formação da cultura literária.

Um exemplo da capacidade de alcance e persuasão da crítica de folhetim pode ser observado na maneira de como a obra *Sagarana*, de Guimarães Rosa, passou a ser muito procurada após a publicação do rodapé escrito por Álvaro Lins em maio de 1946 no jornal carioca *A Manhã*.

Apesar da força da crítica de rodapé na primeira metade do século XX, o panorama da crítica literária brasileira começou a mudar a partir da formação das primeiras turmas das faculdades de Filosofia do Rio de Janeiro e de São Paulo, criadas na década de 1930. Surgiu, então, a crítica acadêmica, na qual o "crítico universitário", ou "acadêmico", valorizava a especialização acadêmica, utilizando a cátedra e o livro como veículos de comunicação com o leitor.

Mauro Ventura se referiu a esse acontecimento como sendo "uma fase de transição que vai da crítica não especializada, exercida então por profissionais de áreas diversas que escrevem para os jornais, ao surgimento dos primeiros críticos oriundos da universidade." (2002: p.17)

O "crítico-scholar", como também era conhecido o praticante desse novo formato de crítica, entrou em confronto direto com o crítico-cronista. A validade da atuação do homem de letras passou a ser questionada, numa verdadeira caça aos "amadores", que mesmo sendo intelectuais, por vezes não possuíam uma especialidade. Capitaneada por Afrânio Coutinho, essa ação fez lembrar o que as faculdades de Medicina, criadas no Brasil, fizeram a partir de 1832, com os médicos práticos, que sem diplomas passaram a ser chamados de charlatões, sendo assim diferenciados dos considerados médicos verdadeiros. Uma frase desse escritor, publicada no *Jornal de Letras* em agosto de 1957 demonstrou bem a sua opinião: "Formação tão ampla e complicada só pode ser adquirida no lugar adequado que são as universidades e faculdades de letras." (COUTINHO, 1957)

A crítica acadêmica, embora tenha se afastado de um meio de grande veiculação de informação como o jornal, em favor do uso dos livros que, mais elitizados, não atingiam a mesma gama de leitores, deu origem à pesquisa e ao aprofundamento dos temas dentro das universidades. O crítico passou a ser extremamente teórico e, foi nesse período, que se pôde observar o aumento da quantidade de cursos de pós-graduação, mestrado e doutorado no Brasil, com o conseqüente crescimento do número de profissionais titulados. Muitas obras foram publicadas, primordialmente as literaturas brasileira e universal passaram a ser apresentadas através de seus escritores, características e obras, reunidos em livros que traziam as suas histórias.

Passadas aproximadamente três décadas de confronto entre a crítica de folhetim e a crítica acadêmica, chegou-se aos anos da década de 1960 com a atuação predominante dos críticos teóricos, evolução do “homem acadêmico”. Contudo o ciclo se fecharia com o renascimento da crítica de folhetim, alavancada principalmente pelo interesse das grandes editoras em apresentar os seus livros e também pela regulamentação da profissão de jornalista que se deu no final de 1969. Literatura e jornal se reaproximaram, e este voltou a ser um elo entre o crítico literário e o leitor comum.

Sob a alegação de que a crítica acadêmica ou universitária era incompreensível para o público em geral, os críticos de folhetim, com linguagem jornalística e simples para o leitor comum, conseguiram então recuperar o espaço perdido desde a metade do século XX. Novamente suas resenhas e ensaios voltaram a figurar nos jornais de grande circulação nacional.

Sobre essa situação Flora Süssekind fez o seguinte comentário:

"Mas, no início de 1970, assistiu-se a uma virada. Se nos anos 1940-1950 eram os críticos-professores que olhavam com desconfiança os rodapés, agora são os jornalistas que atribuem à produção acadêmica características de um oponente. (...) A que se acrescentam críticas frequentes à linguagem (segundo alguns: "jargão incompreensível") e à lógica (argumentativa, quando a regra na mídia seria adjetivação abundante e afirmações que não expõem os próprios pressupostos) do texto originário da universidade. Além de, numa sociedade submetida a rápido processo de espetacularização, parecer faltar muitas vezes ao ensaísmo "acadêmico" o charme do texto-que-brilha, do texto-que-parece-crônica. Daí a rejeição deste "texto estranho" porque "incompreensível" para esta invenção tão espertamente manipulada pela grande imprensa: a do leitor médio." (SÜSSEKIND, 2002: p.31)

Além de estar presente nos principais periódicos do país, a crítica de folhetim alcançou, principalmente nos anos de 1970, outro importante veículo de comunicação de massa: a revista. Os ensaios e as resenhas, não só sobre obras da literatura brasileira, mas também da literatura universal, foram então publicados em magazines consagrados e de grande circulação nacional, capazes de atingir os leitores dos quatro cantos do Brasil.

Esses textos foram escritos, entre outros, por autores como: Otto Maria Carpeaux, que expôs suas idéias sobre *Madame Bovary* de Gustave Flaubert, *Crime e Castigo* de Dostoievski, *Decameron* de Boccaccio, *Histórias Extraordinárias* de Edgar Allan Poe; Carlos

Heitor Cony, que analisou *Grande Sertão: Veredas* de Guimarães Rosa; Josué Montello, que deu sua contribuição sobre *Memórias Póstumas de Brás Cubas* de Machado de Assis, *O Vermelho e o Negro* de Stendhal; José Lino Grünewald, com um ensaio sobre *O Casamento* de Nelson Rodrigues.

Vale destacar que a história recente da crítica literária brasileira apresenta um convívio pacífico e integrado entre os modelos de folhetim e acadêmico. Não é rara a oportunidade de se encontrar, hoje em dia, livros que contêm a reedição de ensaios publicados inicialmente em jornais e revistas. Além disso, muitas vezes os artigos e rodapés, dedicados à literatura, dos principais periódicos do país apresentam e destacam o trabalho literário e as obras dos críticos teóricos atuais.

Dessa forma a concorrência dá lugar a uma soma de esforços que permite tornar efetiva a afirmação de Otto Maria Carpeaux, segundo a qual, “a cultura literária deveria fazer parte do homem médio”. Aliás, quando se fala de livros contendo ensaios de crítica, é impossível não citar o escritor austro-brasileiro, que teve seus textos re-publicados nos dois volumes da obra *Ensaaios Reunidos*, uma co-edição das editoras UniverCidade e Topbooks, que resgatou temas discutidos pelo autor no período entre 1942 e 1978, quando já morava no Brasil.

CAPÍTULO 2

OTTO MARIA CARPEAUX E A CRÍTICA DE FOLHETIM

"Não é um escritor – é uma enciclopédia viva. Mas mais do que uma enciclopédia viva, é um homem: na coragem de suas convicções, na bravura de suas atitudes, na limpidez de sua visão – um rebelde inato. Sua linhagem – a dos grandes humanistas. Quando chegou ao Brasil, e se fez brasileiro de coração, alma, pensamento, a sua doação à nossa cultura foi precisamente essa: a do humanismo."

(Franklin de Oliveira)

Um dos mais importantes críticos literários do Brasil, Otto Maria Carpeaux, autor de mais de duzentos ensaios e artigos, além da monumental História da Literatura Ocidental, nasceu Otto Karpfen em Viena, no dia 9 de março de 1900. Viveu naquele país até 1938 quando foi obrigado a fugir da perseguição nazista, consequência da anexação da Áustria pela Alemanha de Adolf Hitler e da sua formação judaica, ele que era filho de Max Karpfen e Gisela Schmelz Karpfen. Durante dezoito meses, refugiou-se na Bélgica, mais precisamente em Antuérpia, até que em setembro de 1939 desembarcou no Brasil, pátria que adotou, naturalizando-se brasileiro em janeiro de 1944 e onde viveu até a sua morte, ocorrida no Rio de Janeiro no dia 3 de fevereiro de 1978.

A formação acadêmica do jovem Karpfen se deu na Universidade de Viena e incluiu os cursos de Química, Física e Matemática, além disso, concluiu doutorado em Ciências Naturais naquela mesma instituição. Estudou também em Paris (Filosofia e Sociologia), Nápoles (Literatura Comparada) e Berlim (Sociologia e Política). Já trabalhando com jornalismo, casou-se com Helene Silberherz em 1930 e dois anos mais tarde converteu-se ao catolicismo, passando a assinar Otto Maria Karpfen e Otto Maria Fidelis.

Escrevendo para jornais e revistas, e depois também tendo seus próprios livros publicados, o jovem intelectual, sob os pseudônimos de Otto Maria Fidelis e Dr. Leopold Wiessinger, transitava naturalmente em áreas como a da política, da música, da literatura, da ciência e da religião, sempre expondo seu pensamento com conhecimento de causa.

Já no Brasil, o escritor austro-brasileiro começou a escrever para jornais e revistas em 1941, assinando Otto Maria Carpeaux, e, um ano depois, iniciou a sua produção literária, na terra que escolhera para viver, com o livro *A Cinza do Purgatório*, obra que reuniu ensaios publicados anteriormente no periódico *Correio da Manhã* do Rio de Janeiro e na *Revista do*

Brasil. Isso aconteceu justamente quando ocorria o confronto entre a crítica de folhetim e a crítica acadêmica no meio literário brasileiro, conforme exposto por Flora SÜSSEKIND:

“De um lado, os antigos ‘homens de letras’, que se crêem a consciência de todos, defensores do impressionismo, do autodidatismo, da review como exibição de estilo, aventura da personalidade. De outro, uma geração de críticos formados pelas Faculdades de Filosofia do Rio de Janeiro e de São Paulo, criadas respectivamente em 1938 e 1934, e interessados na especialização, na crítica ao personalismo, na pesquisa acadêmica.” (2002: p.17)

Carpeaux, através de seus ensaios e artigos de rodapé, conseguiu inserir-se completamente na literatura brasileira da época e foi nesse momento que o pensador austríaco deu lugar ao crítico literário austro-brasileiro.

O “crítico de folhetim”, homem de letras não-especializado, considerando a sua formação em Química, Física, Matemática e Ciências, produziu ensaios e artigos a respeito das literaturas brasileira e mundial. Além de constituir uma característica do autor que primava por expor suas opiniões e idéias, esse fato foi estimulado pela dificuldade financeira do imigrante recém chegado ao país, que o levou a escrever para jornais com o objetivo inicial de prover o seu próprio sustento e que acabou contribuindo, e muito, para a produção da crítica literária nacional.

Também uma faceta do “crítico acadêmico” pode ser encontrada em Otto Maria Carpeaux, formado em Filosofia, Sociologia e Literatura Comparada, que escreveu vários livros sobre temas variados, que vão da literatura à música, passando pela política e pela religião, dos quais não pode deixar de ser mencionada a *História da Literatura Ocidental*, coleção composta de oito volumes e cuja primeira edição ficou a cargo da editora O Cruzeiro, entre os anos de 1959 e 1966. Entretanto o crítico de folhetim sempre prevaleceu sobre o crítico universitário, pois apesar de detentor de conhecimento acadêmico, Carpeaux, optou pelo modelo que lhe permitia liberdade de pensamento e expressão.

Mesmo na *História da Literatura Ocidental*, que é considerada a obra mais importante de Carpeaux e que retrata de forma magistral a evolução da literatura universal, sendo para isso, segundo o próprio autor, “estudados mais de oito mil autores” (CARPEAUX, 1978: p.12), pode-se observar no crítico acadêmico, características marcantes do crítico de folhetim. Ele não se prende só à teoria, mas expõe as suas idéias, seus pensamentos, seus sentimentos, sempre comprovados, o que conferem ao leitor a noção de que, em tudo, existe uma

continuidade e mais ainda, o que “é” agora pode ser “mudado” depois, numa perfeita conciliação dos contrários.

Até nas obras de Carpeaux, consideradas mais teóricas, pode ser observada a possibilidade de o autor trabalhar com a expressão do sentimento e do pensamento, seguindo o modelo que ele utilizou genialmente em seus artigos de rodapé. Os fragmentos abaixo, pertencentes à *História da Literatura Ocidental*, demonstram não só o sentimento do autor, mas uma evolução de sua opinião, marcada pelo uso dos verbos “parecer” e “ser”:

"Píndaro *parece-nos estranho* (grifo nosso); em comparação, Ésquilo, Sófocles e Eurípedes são para nós, figuras familiares." (1978: p.50)

"Píndaro *é estranho* (grifo nosso). Aristófanes é mais estranho ainda, a ponto de não encontrar nenhum eco em nossas literaturas." (1978: p.57)

Os exemplos acima indicam como a opinião de Carpeaux, a respeito do poeta grego Píndaro¹, vai sendo construída e, assim, o leitor tem a possibilidade de acompanhar o desenvolvimento dessa idéia: a “estranheza” que se afigura na mente do autor na primeira citação acaba por ser afirmada na segunda. Carpeaux faz com que essa “mudança” ocorra naturalmente, apoiando-se em sua argumentação, da mesma forma como se estivesse escrevendo um artigo de rodapé.

Falando ainda um pouco sobre a *História da Literatura Ocidental*, o autor, em sua introdução, exprime de uma forma geral, que os manuais sobre literatura não apresentam a história literária como uma interpretação histórica. São, na verdade, compostos de coleções de pequenos ensaios a respeito dos mais importantes escritores e que colocam em capítulos específicos, os poetas menores, em um método individualizante que ignora as relações históricas (objeto da história da literatura), mas que garante a origem individual e pessoal da literatura (objeto da crítica literária).

No final dessa introdução, o crítico austro-brasileiro denomina sua obra de "ensaio de interpretação histórica da literatura do Ocidente" (1978, p.36), o que nos remete às mais de duas centenas de ensaios que ele escreveu e que foram publicados, principalmente em jornais.

Muitos dos ensaios da crítica de folhetim de Otto Maria Carpeaux foram dedicados à literatura universal, como os que ele escreveu para a revista *Manchete* na década de 1970. Esses artigos foram publicados recentemente na série *As obras-primas que poucos leram*, que

¹ Píndaro (Cinoscéfalos 522 a.C. – Argos 438 a.C.): poeta grego, de tudo que escreveu, resistiram ao tempo apenas quarenta e cinco epinícios (odes triunfais), divididos em quatro livros, conforme o nome dos jogos cujas odes celebravam: Olímpicas, Píticas, Neméias e Ístmicas.

segundo Heloisa Seixas, responsável pela organização, “tinham por objetivo falar de obras da literatura - que, mesmo "famosas" para o grande público, fossem comparativamente pouco lidas" (SEIXAS, 2005, p.9). Em outras palavras, nesse trabalho, grandes críticos literários tecem os seus comentários sobre os cânones da literatura universal, buscando resgatar o interesse do público por essas obras, cujos títulos são de conhecimento geral, mas que, infelizmente, não são lidos numa proporção compatível com a qualidade de seus textos. Além dos ensaios de Carpeaux², figuram na publicação, textos de Paulo Mendes Campos, Carlos Heitor Cony, Josué Montello, Lêdo Ivo, entre outros.

Otto Maria Carpeaux, o "homem das letras", o “crítico de folhetim”, com conhecimento digno dos mestres das mais variadas áreas do conhecimento humano, escreveu para o povo: através da linguagem mais simples e objetiva do rodapé, em comparação à complexidade teórica da crítica acadêmica, conseguiu atingir o leitor comum dos jornais e das revistas, apresentando obras e autores mundialmente conhecidos, onde o seu pensamento e as suas considerações pudessem ser compreendidos também por pessoas não envolvidas com o meio acadêmico.

No artigo sobre *Madame Bovary* de Gustave Flaubert, publicado na revista Manchete de 25 de agosto de 1973, Carpeaux apresentou o escritor romântico e a sua obra produzida no século XIX. Como crítico de folhetim, deixou um pouco de lado a caracterização do romance através dos pressupostos românticos e da análise teórica do período literário em que obra e autor estão inseridos, para fazer uma análise pessoal, abordando itens que despertassem, no leitor comum, o interesse em conhecer o livro, desmistificando assim, a vinculação de exclusividade do entendimento de grandes obras da literatura às pessoas com formação universitária.

Basicamente, o escritor fez no início do ensaio, uma breve apresentação da obra e do autor, ressaltando o momento histórico vivido na França do imperador Napoleão III e como Flaubert foi acusado de crime contra o pudor, os bons costumes e a religião. Em seguida,

² A contribuição de Otto Maria Carpeaux para a publicação organizada por Heloisa Seixas é representada pelos ensaios a respeito das obras *O Castelo* (1925) de Franz Kafka, *Dom Quixote* (1605) de Miguel de Cervantes, *A Condição Humana* (1933) de André Malraux, *Bubu de Montparnasse* (1901) de Charles-Louis Philippe, *Germinal* (1885) de Émile Zola, *Morte em Veneza* (1912) de Thomas Mann, *O Homem que foi Quinta-feira* (1908) de G. K. Chesterton, *O cão dos Baskervilles* (1902) de Arthur Conan Doyle, *Crime e Castigo* (1866) de Dostoiévski, *Madame Bovary* (1857) de Gustave Flaubert, *Bola de Sebo* (1880) de Guy de Maupassant, *Decameron* (1349-1352) de Boccaccio, *David Copperfield* (1849) de Charles Dickens, *Histórias Extraordinárias* (1848) de Edgar Allan Poe, *Ficções* (1944) de Jorge Luis Borges, *A Peste* (1947) de Albert Camus, *As Ligações Perigosas* (1782) de Choderlos de Laclos, *O Anjo Azul* (1904) de Heinrich Mann, *Uma Tragédia Americana* (1925) de Theodore Dreiser, *O Apanhador no Campo de Centeio* (1951) de J. D. Salinger, *Contos de Fadas* (1835-1872) de Hans Christian Andersen e *Trópico de Câncer* (1934) de Henry Miller.

apresentou e argumentou, de maneira clara e objetiva, o seu ponto de vista sobre o romance em si, algumas de suas passagens e seus personagens principais.

Assim escreveu CARPEAUX:

"Mas em geral os grandes artistas são cedo reconhecidos e suas obras são logo admiradas, e acontece mesmo que certas obras, das maiores, se tornam logo popularíssimas. Foi este o caso de *Madame Bovari*. É verdade que certos observadores (...) querem explicar a popularidade do romance de Gustave Flaubert por um único episódio: a cena em que Emma Bovari se mostra nua ao seu amante. (...) O fato é que *Madame Bovari* bateu todos os recordes. Saiu em mais de trezentas edições, foi traduzido para todas as línguas, existe em abomináveis edições abreviadas (...) mas como quer que seja, essa obra popular é ao mesmo tempo uma obra-prima da arte literária." (2005, p.32)

O escritor, na sua análise crítica, situa *Madame Bovari* como um cânone da literatura universal e seu autor, Gustave Flaubert, como um gênio capaz de escrever uma obra-prima que rapidamente tornou-se muito popular, sendo posteriormente lida no mundo inteiro. A sua contrariedade se mostra quando cita a atribuição desse sucesso às imagens sensuais sugeridas na obra, uma verdadeira diminuição da universalidade desse romance que narra a história de Emma Bovari e o seu processo de formação baseado em uma linha decrescente, marcado pela degradação da personagem que, aos poucos, vai perdendo a sua inocência até culminar com a morte provocada pela própria consciência. *Madame Bovari* é um clássico da literatura mundial por mostrar o ser humano e o seu eterno conflito entre viver a sua essência ou a sua aparência.

O texto do crítico-cronista Otto Maria Carpeaux, posiciona-se num patamar de possível compreensão por parte do leitor, seja ele qual for, demonstrando clareza na exposição da sua opinião acerca da obra, como quando estabelece:

“O verdadeiro criminoso de Flaubert, é a sociedade que corrompe tudo” (2005, p.40) ou ainda, “Essa oposição de Flaubert à sociedade é o verdadeiro tema do livro. Não se trata de romantismo nem de psicologia feminina nem de estupidez humana: o tema do romance é mais amplo, mais geral, e já se chegou a criar o termo bovarismo, denúncia da atitude que vive em ilusões e que, depois de todos os desastres, tem a capacidade de renovar aquelas ilusões.” (2005, p.41).

Observa-se pelas citações que o autor expõe todo o seu vasto conhecimento, o seu pensamento, e neste caso, o seu ponto de vista embasado nos acontecimentos pós-obra, como quando lembra, por exemplo, a criação do termo “bovarismo”, que ajuda a compreender a amplitude do tema desenvolvido por Flaubert. Carpeaux escreveu com o desejo de se fazer entender. Assim, ele e a crítica de folhetim sempre estiveram intimamente ligados e, nos seus ensaios e artigos de rodapé, que foram publicados nos meios de grande veiculação de informação para alcançar todos os leitores, conseguiu compartilhar o seu grande conhecimento de mundo.

CAPÍTULO 3

CARPEUAX: UMA VISÃO DA CRÍTICA LITERÁRIA BRASILEIRA DO INÍCIO DO SÉCULO XX

"Carpeaux conhecia a fundo todos os clássicos, todos os pensadores, todos os compositores eruditos, todos os pintores."

(Sérgio Augusto)

Otto Maria Carpeaux, como crítico de folhetim, expôs muitos dos seus pensamentos em grandes veículos de comunicação como os jornais e as revistas. Em um desses ensaios, *Álvaro Lins e a literatura brasileira*, escolhido para compor este trabalho, o escritor e crítico austro-brasileiro apresentou uma visão da crítica literária brasileira do início do século XX.

Esse artigo foi primeiramente escrito para jornal, na forma de crítica de folhetim, modelo que consagrou Carpeaux a ponto de seus textos serem publicados posteriormente em livros, constituindo assim uma obra que apresenta, magistralmente, assuntos que vão da literatura às artes de uma forma geral.

Para ajudar a compreender a argumentação do escritor é importante a menção da época em que esse texto foi publicado. Redigido inicialmente para periódicos do Rio de Janeiro, fez parte da obra *Origens e Fins* publicada em 1942 e foi resgatado recentemente no primeiro volume de *Ensaio Reunidos* (Rio de Janeiro: UniverCidade Editora, 1999).

É muito interessante observar, no texto sobre o também crítico de folhetim Álvaro Lins, o modo como Carpeaux prepara o leitor antes de abordar o tema principal a ser discutido. Inicialmente, ele apresenta as razões de sua dedicação à literatura brasileira, o que pode ser observado em sua citação:

"Acho que um intelectual recebido num país estrangeiro não tem o direito de aproveitar-se desta hospitalidade sem o dever, um dever muito rigoroso, de interessar-se pela literatura desse país, até as últimas possibilidades da compreensão: há de iniciar-se." (CARPEAUX, 1999: p.458).

Por trás dessa afirmação reside a teoria de que um estrangeiro, em especial um intelectual, deve aprender e entender o povo da nação que escolheu para viver e isso pode ser feito através da literatura. Para Carpeaux, a literatura é a expressão máxima da vida espiritual de uma nação, constituindo a via regia para sua compreensão. (1999: p.458).

Além dessa reflexão sobre literatura, o escritor, ainda numa preparação do leitor, faz uma diferenciação entre o "crítico literário" e os "book-reviewers", ação que julga essencial antes de iniciar a delicada tarefa de "criticar" um crítico literário. Com essa atitude, ele consegue apresentar a sua concepção sobre a crítica literária.

Carpeaux expõe que os "book-reviewers" são os profissionais que informam os leitores acerca dos acontecimentos no mercado de livros, tendo responsabilidade perante esses mesmos leitores, os autores e, conforme reforça, "infelizmente" perante os editores. Para completar, afirma que essa responsabilidade está limitada apenas ao presente, não considerando o passado, vazio de novidades, e o futuro que já terá esquecido esses reviewers. (idem: p.457).

Por outro lado, de acordo com o escritor austro-brasileiro, o crítico possui responsabilidade perante o passado e o futuro das letras nacionais, e o presente representa, nessa evolução dialética do passado para o futuro, o momento crítico. A partir daí, Carpeaux faz uma remissão ao significado da palavra "crítica", que sendo de origem grega, tem na sua raiz dupla significação, expressa no substantivo "krise" e no verbo "krinein". O primeiro vocábulo significa a "crise", o estado, já o segundo, "julgar", a ação. Desse modo, chega-se à conclusão de que "a crítica literária - a verdadeira - responde ativamente a uma crise das letras, julgando-a, terminando-a." (idem: p.457).

Com esses conceitos, Otto Maria Carpeaux tece seus comentários sobre Álvaro Lins, a quem chama de "crítico da crise das letras brasileiras" (idem: p.457). No artigo, ele demonstra

o seu sentimento de que as letras brasileiras, durante esse período, passam por uma crise de crescimento e de transição que reflete uma crise na consciência nacional.

"Chegou a hora de uma corajosa revisão dos valores. Esclarecer as confusões das crises, restabelecer a ordem dos valores, constitui a responsabilidade e o dever dos intelectuais. Não faltam poetas, escritores, pensadores, intelectuais de toda ordem. Faltava só a coragem integral, a coragem do "crítico da crise", que é o Sr. Álvaro Lins." (CARPEAUX, 1999: p.458).

Vale ressaltar ainda que ao falar em crise, Carpeaux não deseja denunciar “agonias mórbidas”, mas “transições fecundas” de uma nova época da literatura brasileira que, segundo suas próprias palavras, é “uma parte integral e importante de literatura universal”. (1999: p.458).

Nesse contexto, a coragem é a qualidade de Álvaro Lins que Carpeaux destaca, embora mencione também, e de maneira positiva, a sua inteligência, seu bom gosto literário e sua erudição. Para justificar sua escolha, Carpeaux cita um artigo em que Álvaro Lins, corajosamente reprova o escritor Rui Barbosa, ídolo dos gramáticos e filólogos, para enaltecer o Rui Barbosa político, muito combatido e desprezado. Essa coragem permite a Álvaro Lins uma independência dos dogmas de qualquer grupo e incuti-lhe uma indiferença a todo doutrinamento.

E o crítico austro-brasileiro afirma: “A crítica do Sr. Álvaro Lins é a menos doutrinária imaginável; parece até crítica impressionista.” (idem: p.459). Ao se refletir sobre o termo “impressionista”, pode-se chegar à conclusão do uso de idéias que se fundam apenas em impressões pessoais, mas CARPEAUX faz questão de complementar:

“Mas é o impressionismo de um crítico que pode confiar no seu bom gosto. Não o impressionismo do passeador sorridente entre livros “engraçados”. É o

impressionismo dum homem profundamente impressionado, angustiado pelas catástrofes da vida e da época, que o fizeram amadurecer antes do tempo. (...) Sabe da única salvação do mundo pelo restabelecimento dos valores, e sabe mortalmente ameaçados esses valores. É o próprio processo crítico do Sr. Álvaro Lins, o caminho da impressão para o valor. (...) Há na crítica do Sr. Álvaro Lins um código de valores.” (1999: p.459).

Ao reiterar a presença de um código de valores na crítica de Álvaro Lins, Otto Maria Carpeaux expõe que, pelo fato de aplicá-lo e ensiná-lo, o “crítico da crise” demonstra uma veia pedagógica, o professor dentro do crítico e afirma: “nas páginas de jornal está o professor de literatura” (idem: p.460), numa alusão aos ensinamentos passados através da crítica de folhetim, que os dois realizavam.

Seguindo esse modelo de crítica de folhetim, Carpeaux finaliza o seu ensaio, *Álvaro Lins e a Literatura Brasileira*, com uma reflexão a respeito do crítico que escolheu como alvo da sua análise. Para ele, o crítico da crise Álvaro Lins é um homem da crise e seus artigos tratam da “crise espiritual dos nossos dias” e conclui:

“Nessa inquietação torturada, há a busca de um equilíbrio, fundamento possível de uma futura civilização brasileira e americana (...) Para a crítica da crise, aquele equilíbrio seria o fim duma tarefa bem cumprida; para a literatura, seria novo ponto de partida.” (CARPEAUX, 1999: p.463).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

"Otto Maria Carpeaux poderia ter sido o que quisesse: cientista, professor, crítico de arte, de música ou de literatura, líder político, doutrinador. (...) O seu instrumento principal foi o jornal, adaptado à variedade de vocações, e nele exerceu, além da função profissional de redator, a de escritor e de lutador político."

(Antônio Cândido)

Otto Maria Carpeaux, austríaco de nascimento e brasileiro de coração, apresenta-se como o escritor que buscou compreender e apresentar o universo humano através da literatura. Assim ele fez ao se dedicar à arte literária brasileira, não só na intenção de conhecer o povo do país que escolheu para viver, mas principalmente para entendê-lo. Se, para Carpeaux, a literatura representa a expressão máxima da vida espiritual de uma nação, pode-se então considerar que ele expôs, ao analisar obras literárias do mundo inteiro e de todas as épocas, um retrato universal do homem.

A magnitude da obra do importante crítico austro-brasileiro, representada pelos inúmeros ensaios e artigos, publicados nos principais periódicos da época em que foram produzidos e posteriormente reunidos em livros, resgata todo o conhecimento de mundo de um Carpeaux chamado de “enciclopédico”, tal era a sua grande capacidade em analisar assuntos dos mais variados temas. Nos seus textos, literatura, música, pintura, ciência, religião e política são discutidas com propriedade e conhecimento de causa.

A “crítica de folhetim”, ou de “rodapé”, realizada por Otto Maria Carpeaux e por outros críticos brasileiros adeptos desse modelo de crítica literária, nos principais meios de comunicação de massa como os jornais e as revistas, permitiu ao leitor comum ter acesso às considerações sobre os cânones das literaturas brasileira e universal. Dessa forma, a linguagem simples e jornalística aproximou o homem médio e a cultura literária que, se dependente da “crítica acadêmica”, ficaria restrita aos especialistas.

Foi justamente durante o embate entre a “crítica acadêmica” e a “crítica de folhetim”, em que o homem de formação universitária se pôs frente a frente ao homem de letras não-especializado, que Carpeaux inseriu-se plenamente na literatura brasileira, expondo o seu pensamento, livre de qualquer modelo rotulado ou pré-concebido.

Entre as décadas de 1940 e 1970, os leitores puderam conhecer a visão eclética de Carpeaux, revelada por intermédio da sua vasta obra, entretanto, os leitores de hoje têm a

oportunidade de recorrer a essa fonte de conhecimento, uma vez que muitos textos do autor estão sendo re-publicados.

É inegável que Otto Maria Carpeaux configura um elemento importante e de grande contribuição dentro da crítica literária brasileira, porém muitas vezes sofre a discriminação de um modelo de formação acadêmica que ainda não se sente à vontade em utilizar a crítica de folhetim como base nos seus estudos. A questão não é considerar que os críticos mais estudados atualmente, autores de famosas histórias sobre a literatura brasileira, são melhores ou piores que Carpeaux, mas sim, enaltecer o grande trabalho do mestre que mesmo possuindo formação acadêmica em Química, Física, Matemática, Ciências Naturais, Filosofia, Sociologia, Literatura Comparada e Política, optou por realizar uma crítica idêntica àquela produzida pelos críticos não-especializados do início do século XX e cujas características principais eram a liberdade e a linguagem simples, capazes de atrair e ser facilmente entendida pelo leitor comum.

Portanto, este trabalho atinge o seu objetivo principal ao apresentar o crítico austro-brasileiro Otto Maria Carpeaux e a sua produção literária, baseada na crítica de folhetim, na certeza de que esses ensaios e artigos constituem material riquíssimo no estudo da crítica literária brasileira.

REFERÊNCIAS

- CARPEAUX, Otto Maria. **Ensaio Reunidos**. vol.I. Rio de Janeiro: UniverCidade Editora, 2003.
- CARPEAUX, Otto Maria. **Ensaio Reunidos**. vol.II. Rio de Janeiro: UniverCidade Editora, 2005.
- CARPEAUX, **História da Literatura Ocidental**. vol.I. Rio de Janeiro: Editora Alhambra, 1978.
- PEREIRA, Márcio Roberto. **Caminhos da Crítica Literária**. Documento eletrônico. {online}. Disponível na Internet via URL: <<http://vbookstores.uol.com.br>>. Acesso em: 04 de março de 2007.
- SEIXAS, Heloisa. **As obras-primas que poucos leram**. vol.I. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- SEIXAS, Heloisa. **As obras-primas que poucos leram**. vol.II. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2002.
- SÜSSEKIND, Flora. **Papéis Colados**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.
- VENTURA, Mauro Souza. **De Karpfen a Carpeaux - Formação política e interpretação literária na obra do crítico austríaco-brasileiro**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002